



**Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à TV Mirante, do Maranhão**

**São Luís-MA, 14 de janeiro de 2010**

**Jornalista:** O presidente Luiz Inácio Lula da Silva volta ao Maranhão e, desta vez, para dar início às obras de construção da Refinaria Premium, um projeto que é o maior da América Latina. Presidente, bom dia. Prazer em tê-lo aqui mais uma vez.

**Presidente:** Bom dia, Roberto.

**Jornalista:** Podemos dizer que a história do desenvolvimento do Maranhão poderá ser contada antes e pós refinaria?

**Presidente:** Eu penso que é um investimento de envergadura sem precedentes nas regiões Norte e Nordeste do País. Ou seja, é um investimento que vai envolver R\$ 40 bilhões, que pode gerar diretamente quase 30 mil empregos e indiretamente quase 132 mil empregos. Nós vamos ter a primeira parte funcionando, produzindo 300 mil barris em 2013, e a segunda parte produzindo 600 mil barris em 2016. O que é importante em tudo isso? O que é importante é que nós estamos espraiando o desenvolvimento do Brasil pelas regiões do Brasil porque, senão, você continua promovendo o desenvolvimento na região Sul, na região Sudeste, e você vai esquecendo cada vez mais o Norte e o Nordeste. E nós achamos que os investimentos, na hora em que eles são levados para todos os estados brasileiros, nós vamos ter um Brasil mais justo, vamos ter um Brasil com distribuição mais equânime e, portanto, a gente vai poder ver o Brasil melhorar de forma totalmente igual. É um investimento corajoso, é um investimento que a Petrobras faz, e por iniciativa do ministro



Lobão, ou seja, havia uma briga nossa para que a Petrobras fizesse novas refinarias, e a Petrobras, houve um tempo em que teimava. Até que nós decidimos que nós deveríamos fazer essa refinaria aqui porque ela vai produzir um tipo de combustível para ser exportado. Nós já dissemos em vários programas que nós não queremos ser exportadores de óleo. O que nós queremos é ser exportadores de produtos de qualidade, porque nós precisamos vender gasolina para os Estados Unidos, para a Europa, de boa qualidade, e isso traz mais valor agregado e, portanto, traz mais emprego. O que é importante é que em um projeto como esse, em um investimento como esse, nós temos que imaginar ao longo do período de construção e ao longo do funcionamento de uma refinaria dessa magnitude, o que vai acontecer de novos investimentos por conta desse investimento. O que vai acontecer de hotel, o que vai acontecer de restaurante, o que vai acontecer de novas fábricas, começa a discutir a necessidade de indústria petroquímica, ou seja, daqui a pouco você tem um polo extraordinário aqui no Maranhão. O dado concreto é que eu poderia dizer que nós já tivemos um primeiro momento com o porto, tivemos um segundo momento com a produção de alumínio, e agora vocês têm um terceiro momento e o mais vigoroso de todos eles, que é a construção dessa Refinaria Premium.

**Jornalista:** O senhor veio, na visita passada, anunciar o programa Minha Casa Minha Vida. Só que de lá para cá, depois que o senhor aqui veio, só em São Luís já tivemos mais quase 100 mil inscrições, e mostra a defasagem da política habitacional no país. Há possibilidade de ampliar ainda mais esse Programa?

**Presidente:** Olhe, veja, o programa Minha Casa Minha Vida é o primeiro grande Programa de vulto que nós temos no Brasil, porque antigamente o Brasil produzia 200 mil casas, 300 mil casas. Então, nós resolvemos assumir



um desafio para dentro do governo e para a sociedade brasileira, envolvendo os empresários brasileiros, que nós tínhamos que fazer um investimento em habitação que fosse uma coisa grandiosa. A primeira consulta que nós fizemos aos empresários, eles diziam que tinham capacidade de produzir 200 mil casas, e eu achei pouco. Depois nós fomos conversar com uma outra parte, achavam que podiam fazer 500 mil casas. Eu dizia: Não, tudo isso não é programa, eu quero um programa grande. E aí decidi que nós deveríamos construir um programa de 1 milhão de casas. Desse 1 milhão de casas, nós já temos na Caixa, com o processo, quase 640 mil projetos, já temos 247 mil projetos aprovados. Aqui no estado do Maranhão estavam destinadas 72 mil casas. Já tem, praticamente, 24 mil contratadas, falta contratar o restante das casas. E na medida que a gente percebe que a demanda é muito maior do que a capacidade de oferta, e o governo também já aprendeu a fazer programas de magnitude como esse, no ano vem nós vamos começar a programar novos programas habitacionais, porque agora acabou a fase das 100 mil casas ou 200 mil casas. Agora, nós temos que fazer um programa maior do que esse que estamos fazendo, porque os empresários estão preparados, o povo acredita, a Caixa Econômica tem dinheiro. Só para você ter uma idéia, em 2004 a gente tinha R\$ 5 bilhões para fazer contratação de casas na Caixa Econômica. Este ano nós vamos ter, ou melhor, tivemos em 2009, R\$ 45 bilhões, nove vezes mais. Eu acho que esse é um dado extraordinário. Portanto, as pessoas do estado do Maranhão e de São Luís do Maranhão que estão com expectativas por conta do programa Minha Casa Minha Vida -e aqui me parece que 70% das pessoas cadastradas são pessoas com até três salários mínimos, que era o público-alvo, não o único, mas era o público prioritário, que são as pessoas que têm mais deficiência habitacional - [podem] ficar certas de que nós vamos lançar novos programas e vamos construir casas, porque o objetivo é zerar o déficit habitacional no Brasil.



**Jornalista:** O senhor também tem um outro programa, que é extremamente importante, principalmente para o nosso estado, o programa Luz para Todos. Será que chega a cada cidadão do estado?

**Presidente:** Olha, o Luz para Todos é uma glória. Eu, sinceramente, conto com motivo de orgulho, porque são 5 milhões de quilômetros de fio, é praticamente 1 milhão de postes, são praticamente 800 mil transformadores, já atendemos 10 milhões de pessoas. Aqui no Maranhão já chegamos a 261 mil pessoas, ou melhor, 233 mil pessoas, nós temos mais 61 mil pessoas para atender. Ou seja, nós queremos atender a totalidade do povo do Maranhão, que não tem energia elétrica. O trabalho está sendo extraordinário. Na semana passada, eu fiz uma reunião com o ministro Lobão e com o presidente da Eletrobrás e toda a equipe técnica do Ministério para que a gente coloque o coração no bico da chuteira, para que a gente faça o que for necessário para que a gente possa atender todas as pessoas que precisam de energia neste país. É importante lembrar, Roberto, que quando nós pensamos o Programa, o programa estava pensado em uma pesquisa do IBGE, que dizia que tinha 2 milhões de famílias sem energia elétrica. Quando nós começamos a fazer o Programa, nós descobrimos que não eram dois milhões de famílias, era quase 3 milhões de famílias. Então, quando nós cumprimos a primeira meta, nós então assumimos o compromisso de tentar, até o final de 2010, chegar à totalidade daquilo que nós encontramos no Brasil. Ora, o fato concreto é que se por qualquer motivo, por chuva ou por qualquer coisa, a gente não conseguir realizar 100%, você pode ficar certo de que nós vamos chegar a 97%, 95% das pessoas no país. Uma coisa que está ficando difícil, Roberto, é que quanto mais você faz, mais você vai ter que ir indo procurar o lugar mais distante, sobretudo na região Norte do país. Então, tem lugar que você tem que colocar postes até em uma distância de 5, 6 quilômetros para encontrar uma casa. Um poste de madeira pesa 329 quilos, um poste de cimento pesa uma tonelada. E



esses dias o ministro Lobão me mostrou um poste de lâ de vidro, que pesa apenas 139 quilos que, portanto, pode ser colocado por menos gente, com muito mais facilidade. E o objetivo do povo, o objetivo meu, e eu posso dizer ao povo do Maranhão, olhando na cara de cada mulher e de cada homem: o objetivo nosso é chegar ao final do governo e não ter nenhum brasileiro com candeeiro em casa. O candeeiro é apenas uma reserva técnica, porque se faltar energia, acende-se. Mas o que nós queremos é que as pessoas estejam estudando, vendo novela, ligando a sua geladeira, ouvindo o seu som, o que todo mundo tem direito, esse é um compromisso nosso.

**Jornalista:** E o Bolsa Família? Nós temos estados, talvez, que tenham maior participação no Bolsa Família. Não está faltando um complemento, um programa que pudesse fazer com que as pessoas saíssem daí, Presidente?

**Presidente:** Olhe, primeiro que o Maranhão não é o estado que tem mais gente no Bolsa Família. Quem tem mais gente no Bolsa Família é São Paulo, que todo mundo pensa que é muito rico, mais que tem muita gente pobre, e o único benefício que eles recebem é do programa Bolsa Família. Depois, nós temos a Bahia e depois o Maranhão. No começo do Programa, Roberto, muita gente dizia: “Não, mas é preciso encontrar uma saída, é preciso encontrar uma saída.” Eu não sei por que as pessoas ficam tão incomodadas quando a gente começa a cuidar do povo pobre deste país. Nós estamos conscientes de que esse povo vai sair, na medida em que a economia brasileira continue crescendo ao longo de uma década, de uma década e meia. Ou seja, a gente vai poder diminuir muito o número de pessoas necessitadas, na medida que a gente comece a gerar emprego. Vamos ver o que aconteceu no Brasil em 2009: 2009 foi um ano em crise no mundo inteiro. Até hoje os Estados Unidos não se acertaram, até hoje a Europa não se acertou, até hoje o Japão não se acertou. Sabe quantos empregos nós geramos no Brasil, com carteira



profissional assinada, no ano passado? Um milhão e quatrocentos mil empregos. Este ano, se acontecer tudo conforme nós estamos imaginando, estamos pensando e estamos trabalhando, nós poderemos ultrapassar os 2 milhões e chegar a quase 3 milhões de empregos. É o crescimento econômico, a geração de empregos e a formação profissional que vão permitir que essas pessoas deixem de receber o Bolsa Família e vão trabalhar e ganhar o seu salário com o seu suor. Esse é um sonho meu e é o sonho de quem está recebendo. Agora, não me venham com preconceito. A elite brasileira, uma parte dela é muito preconceituosa. Na década de 40, quando se discutia as férias de 15 dias, a elite paulista dizia o seguinte: “Não pode dar férias porque a ociosidade vai levar o trabalhador à bebedeira.” Esse era o discurso da elite. Agora, diziam do Bolsa Família: “O Bolsa Família vai levar as pessoas a não quererem trabalhar.” Teve lugares em que as pessoas diziam: “Queremos contratar gente, e as pessoas não querem trabalhar porque ganham R\$ 85, ou R\$ 90.” Primeiro, é uma cretinice de quem não conhece o povo brasileiro. O cidadão está recebendo o Bolsa Família porque a renda *per capita* dele é menor do que R\$ 120. Na hora que ele receber mais, o cadastramento corta o recebimento do Bolsa Família. Mas enquanto essa pessoa estiver recebendo uma renda *per capita* pequena... O que é renda *per capita*? É o montante de dinheiro que entra na casa, dividido por todos os membros da família. Se uma pessoa ganha R\$ 500 e tem mulher e três filhos, ou seja, a renda per capita é R\$ 100, divide por cinco. Então, enquanto a gente não resolver esse problema de aumentar mais o salário, para as pessoas saírem do Bolsa Família, nós vamos continuar fortalecendo o Bolsa Família, porque neste país tem uma hipocrisia que eu quero acabar com ela. Ou seja, chega um rico no balcão do BNDES ou do Banco do Brasil para pedir 1 bilhão, as pessoas falam: “É investimento”. Aí, você pega R\$ 100 e dá para o povo comprar pão para levar para casa, esse mesmo que diz que é investimento para o rico fala: “Isso é esmola. Isso está ajudando a vagabundagem”. Então, como eu aprendi a



vencer os preconceitos na minha vida, nós vamos continuar priorizando a política para o povo pobre deste país que tem direito de construir a cidadania. O estado do Maranhão é um dos estados mais pobres deste país, e não é justo. Não é justo com a história do Maranhão e não é justo, sobretudo, com o povo do Maranhão, que é um povo brasileiro tanto quanto aquele que mora no Oiapoque, aquele que mora no Chuí, aquele que mora na Avenida Paulista, aquele que mora na Avenida Copacabana. Então, o que nós precisamos é tratar todo mundo com respeito, em igualdade de condições, dando oportunidade de as pessoas trabalharem, de as pessoas morarem e de as pessoas estudarem. Quando a gente concluir isso, eu acho que o Brasil dará um salto de qualidade excepcional.

**Jornalista:** Presidente, então, o senhor falou de uma elite preconceituosa. Será que é exatamente por isso que estamos vendo tanta reação, porque, pela primeira vez, nós temos um governo que faz um programa de direitos humanos?

**Presidente:** Ora, veja, eu estou acostumado com isso no Brasil. As pessoas, de vez em quando, criam chifre em cabeça de cavalo. O que é o programa de direitos humanos? Veja, o meu governo já fez 63 conferências nacionais. Essas conferências, você começa com a da saúde, vai para a conferência dos negros, vai a dos índios, vai a do portador de deficiência física, vai a das crianças, vai a dos aposentados. Então, você junta gente de todo o Brasil, começa discutindo no município, vira delegado, vai para o estado, vira delegado e vai para o governo... e vai lá para Brasília. São milhares de pessoas que elaboram o programa dos seus sonhos. Às vezes, divergentes entre eles. Ora, tudo isso é aprovado. Foi aprovado na conferência da saúde, o programa da saúde foi aprovado; na conferência dos sem teto o programa habitacional foi aprovado; na conferência dos idosos a questão dos idosos foi



aprovada; na conferência dos deficientes, o problema dos deficientes. E foi aprovada na conferência dos direitos humanos a questão dos direitos humanos, tal como a conferência viu e tal como a maioria aprovou. Agora, daquele resultado do plano de direitos humanos, uma parte daquilo pode ser transformada em lei, a outra parte fica no programa. O que está criando caso é a Comissão da Verdade, ou seja, neste país não há por que ninguém ter medo de a gente apurar a verdade da história do Brasil. E você pode fazer com a forma tranquila e pacífica que nós estamos fazendo. Não se trata de caça às bruxas, trata-se apenas de você pegar 140 pessoas que ainda não encontraram os seus parentes que desapareceram, e que essas pessoas possam ter o direito de encontrar o cadáver e enterrar. Então, eu penso que... Na conferência da imprensa – eu vou te contar esse dado, porque eu estou falando aqui para a TV Mirante, é importante a gente ver isso aqui – nós convocamos todos os grandes empresários, as telefônicas, os donos das rádios, os donos das televisões, o movimento popular de rádio comunitária, foi todo mundo, foram quase 1.600 pessoas que participaram. Ora, muita gente não foi, com medo de que a conferência ia “comer alguém”. O que aconteceu? A conferência foi de alto nível, houve as críticas que tinham que ser feitas, houve as propostas mais radicais à esquerda, houve propostas mais radicais à direita, mas o que nós construímos? Um programa que estabeleceu um consenso entre os membros da conferência. O que o governo vai aceitar é uma outra coisa. O governo pode aceitar tudo, pode aceitar 80%, pode aceitar 30%. Mas o que é importante é que as pessoas aprendam que quando você joga a sociedade para fazer um debate, você não pode fazer censura no debate na sociedade, você não pode fazer censura. E, no Brasil, algumas pessoas ainda têm medo, vêm com discurso da década de 20, vêm com discurso do regime autoritário, coisa que é inadmissível. Ninguém pode ter medo da democracia exercitada em sua plenitude. A democracia é boa porque as pessoas



extravasam aquilo que pensam e depois a gente consegue construir o bom senso, que é o caminho do meio, que é sempre o que prevalece.

**Jornalista:** Presidente, muito obrigado. Foi um prazer tê-lo aqui no Bom Dia Mirante.

**Presidente:** Obrigado a você, Roberto, e até a próxima oportunidade.

(\$31DHJLP)